

#MEUEXABUSIVO: ANÁLISE CRÍTICA DISCURSIVA DE UM POST NA PÁGINA “QUEBRANDO O TABU”

Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira (UERN)
guianeezasaraiva@uern.br

RESUMO

Quebra dos direitos femininos, dominação masculina, casos de feminicídio, combate às práticas de intolerância racial, religiosa, sexual e de classe social, protestos, manifestações políticas e leis são temáticas recorrentes na página do *instagram* “Quebrando o Tabu”. Com *posts* claros, dinâmicos, polêmicos e nada conservadores, a página escolhida vem ganhando notoriedade na contemporaneidade. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar os discursos de mulheres vítimas de agressão, em uma postagem veiculada na página “Quebrando o Tabu”, intitulada *#meuexabusivo*. Ademais, intenciono discorrer as implicações desses discursos no processo de (trans)formação identitária das seguidoras/internautas. Para isso, ancoro-me nos postulados teóricos da Análise Crítica do Discurso, com foco nas discussões de Fairclough (2008), Dijk (2008), além das concepções de identidade de Bauman (2005), Giddens (2002) e de dominação masculina, de Bourdieu (2005). O *corpus* é composto por um *post* do mês de julho, cuja análise dar-se-á dentro do paradigma qualitativo-interpretativista (MOITA LOPES, 2006). Os resultados indicam que a página em análise promove uma forte interação entre os seguidores, justamente pelo teor de suas postagens. É relevante frisar, também, que a postagem escolhida contempla um tema que é, na maioria das vezes, de interesse feminino, por discutir direitos violados, como a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, gerando, portanto, um mix de sensações, dentre os quais se destacam a vergonha, a indignação e o desejo de mudança.

Palavras-chave:

Gênero *post*. Identidade Feminina. *Quebrando o tabu*.
Relações de Poder. Análise Crítica do Discurso.

1. Introdução

A página “Quebrando o Tabu”, no *instagram*, tem ganhado grande notoriedade nos últimos meses. Rotulada como polêmica e transgressora, conta, hoje, com mais de dois milhões e oitocentos mil seguidores e mais de três mil publicações. Essa grande repercussão pode ser associada, notadamente, aos interesses dos internautas nas temáticas em pauta, que, na maioria das vezes, questiona e promove reflexões sobre aborto, direitos negligenciados, sexualidade, política e episódios de intolerância, fazendo, pois, jus ao nome da página.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar um *post*, veiculado no dia 31 de julho, na página “Quebrando o Tabu”, intitulado *#meuexabusivo*. A postagem conta com sete depoimentos, que, por sua

vez, se caracterizam como discursos que retratam relacionamentos em que as mulheres são vítimas de opressão, de humilhação, de maus tratos físicos, culminando, portanto, em medo, vergonha, indignação e, sobretudo, o desejo de mudança.

Partindo dessa premissa, recorrerei aos postulados teóricos da Análise Crítica do Discurso, mais especificamente à corrente de Fairclough, haja vista se voltar para o discurso e para as mudanças sociais. Logo, as concepções de Fairclough (2008), Dijk (2008) e Sztompka (2005) serão fundamentais. Convém salientar, ainda, que irei discutir como esses depoimentos – que compõem a postagem – corroboram no processo de (trans)formação da identidade feminina, reportando-me, para isso, aos preceitos de Bauman (2005) e Medeiros (2009).

Os resultados, sumariamente, indicam que as discussões que se voltam para o alto índice de mulheres vítimas de relacionamentos abusivos despertam um grande interesse nas internautas da página “Quebrando o Tabu”. Essa afirmação pode ser comprovada a partir da interação nas postagens, isto é, o alto número de curtidas e comentários. É válido frisar que o teor dos comentários constata a indignação pelo fato de que, mesmo em tempos pós-modernos, muitas mulheres ainda são submissas aos homens e que alguns direitos femininos, como a liberdade de expressão e o direito sobre o próprio corpo, são violados.

2. *Análise Crítica do Discurso: mudanças sociais e relações de poder*

O termo discurso tem permeado inúmeras pesquisas nas últimas três décadas. As que se voltam para a Análise Crítica do Discurso – Doravante ACD – contemplam, em linhas gerais, questões relativas às minorias, às mudanças sociais, às ideologias e às relações de poder. Nesse sentido, compreendo que este trabalho contempla os pilares desta teoria, haja vista trazer à tona a discussão sobre as relações de poder que os homens exercem sobre as mulheres e sobre como os discursos das vítimas, nas redes sociais, indicam a perpetuação de relacionamentos abusivos na contemporaneidade. Assim, as premissas de Fairclough (2008) e Dijk (2008) para fundamentar, respectivamente, as noções de discurso e de poder, bem como as concepções de Sztompka (2005), para situar a concepção de mudanças sociais e tradições, são consideradas basilares neste trabalho.

Nesse sentido, Pontuo, a priori, o conceito de discurso, por ser o fio condutor deste trabalho. Nos preceitos de Fairclough (2008, p. 90), o

discurso é “o uso da linguagem como forma de prática social”, isto é, não há como pensar discurso de maneira imóvel, estagnada, sem movimento, uma vez que ele vai além da materialidade linguística, além da estrutura formal do texto. Em linhas gerais, o discurso se preocupa com as pessoas a sua volta, com o contexto de produção, com os meios de circulação/divulgação deste discurso, com o público-alvo de recepção, com os elementos linguísticos utilizados para conferir coesão, coerência e clareza textuais, com as questões implícitas – muitas vezes subjacentes nos textos na Modernidade Tardia –, com os processos metafóricos, ironias, e, neste trabalho, com os aspectos que indicam mudanças sociais.

A respeito das concepções de poder, convém destacar as palavras de Meira (2016), que, concordando com os preceitos de Dijk (2008), afirma que o poder social é definido em termos de controle, tendo em vista que determinados grupos exercerem controle sobre as ações, atitudes e a forma de pensar dos membros de outros grupos. Para que esse controle ocorra, alguns fatores se sobressaem, dentre eles: força, dinheiro, *status*, fama, conhecimento, informação, “cultura” ou, na verdade, várias formas públicas de comunicação e discurso. Saliento ainda, que o poder não é absoluto. Logo, os grupos podem exercer maior ou menor controle sobre outros grupos ou simplesmente controlá-los em situações específicas.

Partindo da compreensão da importância das mudanças sociais para este trabalho, julgo pertinente apresentar, também, este conceito. Para Sztompka (2005, p. 30), mudança social é entendida como a “transformação da organização da sociedade e de seus padrões de comportamento através do tempo; é a modificação da maneira como a sociedade é organizada; diz respeito às variações das relações entre indivíduos, grupos, organizações, culturas e sociedades através do tempo”. Inversamente, temos a tradição e, para o autor, o indivíduo não vive sem tradições, embora se mostrem, cotidianamente, insatisfeitos com as suas, pois ela é a sabedoria das gerações, uma vez que confere um legado, uma história, determinam a formação da identidade de um povo, firmam raízes e fidelizam vínculos com os povos de uma dada região (MEIRA, 2016).

Em suma, ao levar em consideração os conceitos de discurso, de relações de poder, de mudanças sociais e de tradições, é importante enfatizar que os discursos que contemplam as agressões às mulheres – práticas abusivas – indicam tradições e permanências (DEL PRIORE, 2013), além de suscitarem a ideia de submissão, de medo, de vergonha, de humilhação, que, por sua vez, são provenientes da dominação masculina,

das relações de poder que o homem exerce sobre a mulher e da perpetuação da cultura do machismo na sociedade.

3. (Trans)formação da identidade feminina nas páginas do instagram

A identidade feminina tem sido pauta constante nas pesquisas de gênero (*gender*) no país. Isso porque a concepção de que as identidades são fluidas, líquidas, que se transformam e que se moldam mediante as experiências com o mundo e com as pessoas a nossa volta requer, cada vez mais, discussões e constatações. Partindo, então, dessa premissa, discorrerei aqui, neste tópico, como se dá a fragmentação da identidade feminina a partir das postagens na página do *instagram* “Quebrando o Tabu”. Para isso, recorri às concepções teóricas de Bauman (2005), para explicar a liquidez das identidades, e de Medeiros (2009), para discorrer sobre as características que indicam a crise existencial.

Conforme já mencionado, Bauman defende o conceito de liquidez⁶³. Essa defesa fundamenta-se em uma necessidade do indivíduo, pois “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha. Seria uma incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo” (BAUMAN, 2005, p. 60). Isso explica o fato das mulheres traçarem novos ideais, romperem as imposições sociais e os pensamentos limitantes, pois assumir sempre a mesma identidade, como a de uma de uma esposa afetuosa, que jamais questiona, soa como um fardo, visto que, em seus discursos, as mulheres sinalizam a necessidade de expor o que pensam sobre determinados assuntos, de manter relações de amizades, independentemente de ser com alguém do sexo masculino ou do feminino, de trajar o que as agrada-na e de findar um relacionamento, assim ela enxergue ser a melhor opção. Essas fragmentações identitárias caracterizam a pós-modernidade.

Paralelo a isso, Medeiros (2009) evidencia que a identidade está relacionada com os critérios que definem um indivíduo, bem como a um sentimento interno composto de diferentes sensações, tais como coerência, valor, pertencimento, autonomia e confiança. Entretanto, esses sen-

⁶³ O autor é precursor do conceito de liquidez. Esse conceito retrata a ideia de que tudo é efêmero, volátil, passível de transformação, de mudanças. A fim de endossar isso, atribuiu às suas obras o termo “líquido/líquida”, compondo, inclusive, os títulos destas, como *Modernidade líquida*, *Amor líquido*, dentre muitas outras.

timentos de identidade nem sempre se manifestam de forma coerente e pacífica, mas, ao contrário, evoluem frequentemente em meio às tensões, aos conflitos e aos compromissos. Esse conceito de si próprio, que significa a maneira pela qual nós mesmos nos definimos, não é uma noção estática, pois está em constante evolução em função da idade e das experiências vividas. Essa noção que implica nos questionamentos “quem eu sou?”, “qual o meu papel no mundo?” nos auxiliam na compreensão dos conflitos existentes, que determinam o momento crucial das transformações identitárias, aos quais, os sociólogos, chamam de crise existencial (MEIRA, 2016).

Dessa forma, Meira (2016) explica que as crises de identidades são processos naturais pelos quais os indivíduos pós-modernos passam, embora não compreendam exatamente o porquê disso. Esse aspecto pode ser comprovado nas palavras de Bauman (2005, p. 23), ao depreender que só tendemos “a perceber as coisas e colocá-las no foco do nosso olhar perscrutador e de nossa contemplação quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou nos decepcionam de alguma outra forma”.

É justamente, nesse momento, que buscamos assumir novas identidades, novos posicionamentos e exercer novos papéis. Porém, dar rumo às nossas vidas envolve risco, devido às inúmeras possibilidades, além das diversidades que temos que enfrentar (MEIRA, 2016). Para isso, o indivíduo precisa estar preparado, uma vez que é necessário romper com o passado e contemplar novos caminhos, isso porque “a segurança alcançada pela estrita obediência aos padrões estabelecidos é efêmera, e em algum ponto se romperá. Ela trai um medo do futuro em vez de fornecer os meios de dominá-lo (GIDDENS, 2002, p. 72).

Essa crise existencial, aliada ao desejo de mudança, promove a fragmentação das identidades das seguidoras da página “Quebrando o Tabu”. Essa transformação é perceptível nos comentários das postagens, no tom de indignação, na concordância com a linha editorial da página e, até mesmo, nos inúmeros compartilhamentos, que, na rede social *instagram*, é mais complexo contabilizar. É preciso endossar que as postagens geram, nas internautas, um momento de profunda reflexão, seja a respeito do seu comportamento enquanto vítima, seja sobre suas ações, ao questionar se elas são condizentes com as de uma mulher que pretende romper as algemas da submissão.

4. #Meuexabusivo: histórico de agressões, patriarcado e submissão

O discurso de que a sociedade é conservadora e patriarcal perdura há muitos anos. Inúmeros pesquisadores, em âmbito nacional e internacional, se dedicaram para investigar a mulher e a inserção dela no meio social. Arelado a isso, foram difundidos estudos sobre os direitos femininos, sobre a violação destes e como essa contravenção implica em um histórico de agressões e submissão das mulheres aos homens. A esse fenômeno, chamamos patriarcado.

Mary del Priore (2013), em sua obra *Histórias e conversas de mulheres*, afirma que as mulheres são feitas de rupturas e permanências. Essa categorização foi amplamente discutida por Meira (2016), por entender que há avanços na concessão de direitos femininos, embora eles não sejam, efetivamente, aplicados na sociedade. A título de ilustração, pon-tuo, aqui, duas leis de extrema importância no combate às agressões e aos homicídios: Lei Maria da Penha e Lei do Feminicídio. Essas leis são consideradas de extrema importância para o universo feminino, tendo em vista suas proposituras. Porém, conforme já dito, há persistência nos altos índices de violência contra as mulheres e de assassinatos, comprovando-se, portanto, o cenário de submissão feminina.

É válido ressaltar, ainda, que a submissão feminina decorre, em grande maioria, da condição financeira das mulheres. Isso pode ser confirmado a partir das palavras de Meira (2012, 2016), ao afirmar que, por não ter condições de autossustento e de sustento dos filhos, as mulheres se submetem a situações vexatórias, humilhantes, que geram vergonha e indignação. É comum ver também, nas práticas sociais, o discurso de que as mulheres não podem contar com a ajuda de familiares, pois o discurso “ruim com ele, pior sem ele” ainda é uma constante, caracterizando-se, também, como um fator preponderante na decisão de continuar casada, mesmo que isso implique na certeza de sucessivas agressões verbais, físicas e psíquicas, advindas daquele que, um dia, ela escolheu para assumir o status de companheiro.

A fim de aprofundar a discussão, resalto que a submissão feminina não pode ser relacionada, apenas, aos castigos físicos. O veto ao direito sobre o próprio corpo - quando ela não quiser a relação sexual -, à liberdade de expressão, à privacidade, à escolha dos representantes em um processo de eleição, da roupa que vai usar, do círculo de amigos, da bebida em uma festa, dentre muitos outros quesitos, se caracterizam, inquestionavelmente, como submissão da mulher ao homem, ou seja, há

uma forte relação de poder, em que o homem é o dominador e a mulher é a dominada (DIJK, 2008).

No que diz respeito à forma como o patriarcado é visto nas redes sociais, saliento que, na página “Quebrando o Tabu”, as postagens sempre contemplam um viés feminista, principalmente porque a ascensão da mulher na sociedade pós-moderna ainda é um tabu e a quebra deste é o objetivo da página, conforme o próprio nome indica. Na maioria das vezes, os comentários são de mulheres, que concordam com o teor das postagens. Em contrapartida, é preciso destacar que há, também, comentários de mulheres que discordam do discurso da linha editorial da página e, conseqüentemente, das demais internautas, gerando, assim, polêmicas. Isso comprova a pluralidade das identidades das seguidoras da página.

5. *Trilhas que conduzem às análises*

Vejam, abaixo, a postagem escolhida para análise, neste trabalho. Como já mencionado anteriormente, trata-se de um *post*, em 31 de julho de 2019, e recebeu a *hashtag* #meuexabusivo. Mais abaixo, temos um quadro com os sete depoimentos que compõem a postagem, as expressões que se destacam e a síntese das análises, mediante as categorias discutidas acima, a saber: discurso, relações de poder, fragmentação das identidades e feminismo.

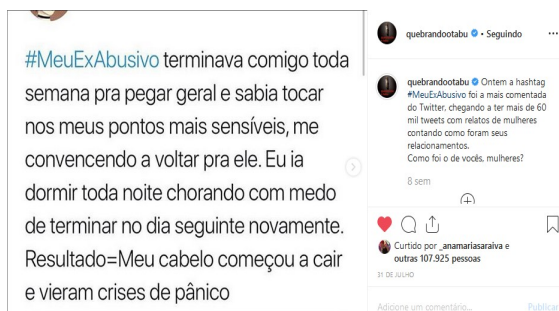


Figura 01 – postagem na página Quebrando o Tabu, em 31 de julho de 2019.

Ao consultar a página “Quebrando o Tabu”, no Instagram, é possível constatar que a postagem obteve mais de 107 mil curtidas e mais de dois mil e cem comentários. Essa grande atividade de interação pode ser justificada por dois motivos. Primeiro, pela temática polêmica e pelo fato de inúmeras mulheres serem vítimas de relacionamento abusivo; segun-

do, devido ao pedido da linha editorial, ao escrever “Ontem a *hashtag* #MeuExAbusivo foi a mais comentada no *Twitter*, chegando a ter mais de 60 mil *tweets* com relatos de mulheres contando como foram seus relacionamentos. Como foi o de vocês, mulheres?”. Nos comentários, vemos relatos que se assemelham aos depoimentos que serão analisados abaixo, reafirmando, assim, a influência da página no processo de (trans)formação das identidades femininas e da submissão das mulheres aos homens.

Vejamos, agora, cada depoimento e sua respectiva análise:

Depoimento	Trechos que sinalizam submissão feminina aos homens	Análises
<p>#MeuExAbusivo terminava comigo toda semana pra pegar geral e sabia tocar nos meus pontos mais sensíveis, me convencendo a voltar pra ele. Eu ia dormir toda noite chorando com medo de terminar no dia seguinte novamente. Resultado=Meu cabelo começou a cair e vieram crises de pânico</p>	<p>“terminava pra pegar geral” “convencendo a voltar pra ele” “dormir chorando com medo de terminar” “cabelo começou a cair” “crises de pânico”</p>	<p>– Neste depoimento, constatamos um discurso de submissão feminina, de impotência, de medo, decorrente do patriarcado. – Essa forte relação de poder que o homem exerce sobre a mulher (DIJK, 2008) implica em uma identidade de mulher frágil e dependente. Há, notadamente, tradição (SZTOMPKA, 2005), permanência do império do macho (DEL PRIORE, 2013), fazendo com que a mulher passe por situações degradantes, seja por medo, seja por dependência financeira e/ou emocional.</p>

<p>#meuexabusivo eu não podia ter amigos, não podia ficar online depois que ele dormisse, controlava quem não seguia nas redes sociais, não podia fazer coisas que eu gostava, e caso eu não fizesse algo que ele queria ele fazia chantagem emocional.</p> <p>01:18 · 30/07/2019 · Twitter for Android</p>	<p>“não podia ter amigos” “não podia ficar online” “controle de quem me seguia” “não podia fazer o que gostava” “fazia chantagem emocional”</p>	<p>– O discurso deste depoimento coloca em evidência algo muito reproduzido por inúmeras mulheres vítimas de relacionamento abusivo: “ele me controla”.</p> <p>– Há, claramente, relação de poder do homem sobre a mulher (DIJK, 2008), e há, também, uma anulação da vida desta mulher, ao fazer somente o que o parceiro quer, gosta.</p> <p>– Este controle excessivo do homem sobre a mulher, inclusive no uso de redes sociais, no círculo de amigos e nos hobbies, implica em tradições sociais (SZ-TOMPKA, 2005).</p> <p>– Percebe-se, aí, a identidade da mulher submissa, que cede às chantagens, dominada.</p>
<p>#MeuExAbusivo me xingava e me humilhava na frente das pessoas me chamando de burra, lerda, animal e coisas do tipo e depois vinha com o papinho de "ah mas tu sabe que eu gosto de ti ne" pra amenizar as merdas que ele me dizia. +</p> <p>02:46 · 30/07/2019 · Twitter for Android</p>	<p>“me xingava” “me humilhava na frente das pessoas” “depois vinha com papinho pra amenizar as merdas”</p>	<p>– Nítido discurso de agressões verbais, condicionando a mulher à posição de inferioridade;</p> <p>– Sentimento de vergonha e humilhação, principalmente pelo fato das práticas vexatórias ocorrerem publicamente;</p> <p>– Forte relação de poder do homem sobre a mulher</p>

		<p>(DIJK, 2008);</p> <ul style="list-style-type: none"> – Indício de crise de identidade por ficar em dúvida se perdoa o tratamento humilhante ou rompe o relacionamento (MEDEIROS, 2009). – Linha transitória entre a tradição e a mudança social (FAIRCLUOGH, 2008), visto que o ex-abusivo se comportava de forma inadequada, mas se retratava.
 <p>#MeuExAbusivo falava que ex dele e louca. e provavelmente agora sou a e louca também. clássico. o que os car não contam é que a ex não fica louca sozinha.</p> <p>23:46 · 29/07/2019 · Twitter Web App</p>	<p>“falava que ex era louca” “agora sou a ex louca também” “ex não fica louca sozinha”</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Discurso que indica ironia ao afirmar “agora sou a ex-louca também”; – Linha transitória entre a tradição e a mudança social, haja vista se discutir como eram os relacionamentos anteriores (SZTOMPKA, 2005), algo inadmissível no século passado, em que os relacionamentos eram firmados para durar. – Identidade de mulher aliviada, que se isenta da culpa de ter assumido algum comportamento tido como louco.

<p>#MeuExAbusivo no início é um príncipe, o homem da tua vida, depois ele consegue te afastar dos teus amigos, começa a te controlar, a cada briga a chantagem emocional é tão grande que a culpa sempre é sua...</p> <p>09:52 · 30/07/2019 · Twitter for Android</p>	<p>“no início é um príncipe” “depois te afasta dos amigos” “te controla” “chantagem emocional” “a culpa é sua”</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Artefatos que permitem a associação a um “príncipe”, implicando no processo de intertextualidade com os clássicos infantis, que determinaram o estereótipo do parceiro perfeito; – Discurso de controle e de posse, principalmente ao afastar dos amigos. Há, portanto, relação de poder do homem sobre a mulher e sobre os que convivem com ela (DIJK, 2008); – Processo de culpabilização da vítima. – Identidade de mulher submissa, solitária e insegura (BAUMAN, 2005) (MEDEIROS, 2009).
<p>#MeuExAbusivo toda mulher que já vivenciou um relacionamento abusivo leva uma cicatriz pro resto da vida. Medo de vivenciar novamente as mesmas manipulações, medo de passar pelas mesmas mentiras, medo de sofrer os mesmos abusos físicos e psicológicos, medo de ser você mesma..</p>	<p>“cicatriz pro resto da vida” “medo” “medo das manipulações” “medo das mentiras” “medo dos abusos físicos e psicológicos” “medo de ser você mesma”</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Dentre os depoimentos em análise, este foi o que gerou maior concordância, medianamente os comentários. – Há, então, um discurso de identificação, de pertença (MEDEIROS, 2009); – Forte relação do homem sobre a mulher (DIJK, 2008); – Tradições quanto ao processo de silenciamento, de aceitação das manipulações, das mentiras, dos abu-

		<p>sos (SZTOMPKA, 2005).</p> <ul style="list-style-type: none"> – Permanência (DEL PRIORE, 2013) da Submissão Feminina, dos medos. – Identidade da mulher que tem medo. Conflitos internos e externos do indivíduo – crise de identidade. - Medo de viver a repetição dos episódios, julgando serem elas as culpadas.
<p>Ele cria em você uma dependência emocional , depois tenta destruir a sua personalidade para se moldar a ele , depois ele te tem como propriedade , não te respeita mais , e quando começa a te culpar pelos erros dele é quando você se pergunta como chegou aquele nível #MeuExAbusivo</p>	<p>“dependência emocional” “destruir sua personalidade” “ele te tem como propriedade” “não te respeita” “culpa pelos erros dele” “como chegou aquele nível?”</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Discurso que indica submissão feminina, caracterizando o patriarcado (DEL PRIORE, 2013); – Imposição comportamental, culminando em falta de respeito e culpa pelos erros. – Crise de identidade, ao questionar “como chegou aquele nível” (BAUMAN, 2005; MEDEIROS, 2009); – Nítida identidade de mulher dependente. Essa dependência emocional é resquício, na maioria das vezes, da dependência financeira (MEIRA, 2016).

Tabela 01 – Quadro analítico da postagem *#MeuExAbusivo*. Elaborado pela autora (MEIRA, 2019).

Os depoimentos que compõem a postagem indicam, em resumo, que os relacionamentos abusivos apresentam características específicas, implicando na identificação do perfil do dominador. Como exemplo des-

sas características, podemos ressaltar os abusos físicos e psicológicos, o controle em relação às amizades e ao uso de redes sociais, os xingamentos, e, principalmente, a chantagem emocional. É perceptível, também, uma uniformização no que diz respeito às indicações de tradições, na visão de Sztompka (2005) e de permanências, na visão de Del Priore (2013), com raros casos de transição para as mudanças sociais e rupturas, sucessivamente. Quanto às questões identitárias, é possível inferir que há o predomínio da identidade da mulher frágil, dependente financeira e emocionalmente, que tem medo e que se sente culpada. Há, também, crises identitárias, permitindo, então, a fragmentação das identidades.

6. Considerações finais

Os termos “submissão feminina”, “patriarcado”, “crises identitárias”, “tradições” e “permanências” se constituem como fundamentais na discussão deste artigo, cujo objetivo foi compreender como a página do *instagram* “Quebrando o Tabu” discute as concepções de relacionamento abusivo na pós-modernidade. Isso decorre do fato de muitas mulheres estarem submetidas à dependência financeira e emocional, implicando na aceitação de humilhações, xingamentos, bem como o sentimento de medo e de vergonha.

Dessa forma, os sete depoimentos que compõem o *corpus* deste trabalho ratificam que a página “Quebrando o Tabu” discute, com excelência, questões relativas ao feminismo e suas implicações nas práticas sociais vigentes. Nesse sentido, ela cumpre um importante papel, na atualidade, por se configurar como um avanço na quebra de tabus, dentre os quais, neste trabalho, se destaca a dominação dos homens sobre as mulheres.

Por fim, saliento que este trabalho intenciona destacar a importância de discutir o universo das mulheres, seja sobre os avanços da sua inserção social, seja sobre os retrocessos dos direitos já adquiridos. Nesse sentido, tenho empreendido leituras e investigações a fim de dar continuidade aos meus trabalhos de mestrado e de doutorado, cujo objeto de pesquisa, em ambos, se voltava para as redes sociais. Em síntese, espero que este texto alcance inúmeras mulheres que já foram vítimas de relacionamentos abusivos e que buscam, incessantemente, mudar sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

DIJK, Teun van. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MEDEIROS, João Luiz. A identidade em questão: notas acerca de uma abordagem complexa. In: DUARTE, Maria Beatriz (Org.). *Mosaico de identidades*. Curitiba: Juruá, 2009.

MEIRA, Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva. *Mudanças discursivas e sociais (ou vice-versa?)*: Estudo crítico da constituição identitária feminina nas cartas do leitor da revista *Claudia*. 2012. 110 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012.

MEIRA, Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva. *Permanências e rupturas nos discursos femininos: estudo crítico na Fanpage Claudia Online*. 2016. 180 f. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016.

SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. Trad. de Pedro Jorgensen Jr.; 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.